

Carlos Drummond de Andrade e os intelectuais modernistas nas Minas Gerais

Carlos Drummond de Andrade and the modernist intellectuals in Minas Gerais

Carlos Drummond de Andrade y los intelectuales modernistas en Minas Gerais

Lucas Eduardo de Souza Ferreira *
<https://orcid.org/0000-0001-6400-4893>

Resenha do livro: Miceli, Sergio. *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro*. São Paulo: Todavia, 2022.

Como citar esta resenha:

Ferreira, Lucas Eduardo de Souza. “Resenha do livro *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro*, de Sergio Miceli”. *Locus: Revista de História*, 29, n.1 (2023): 257-262.

O mais recente livro de Sergio Miceli foi publicado ano passado (2022). Dando seguimento aos estudos sobre os intelectuais brasileiros - temática que o consagrou como acadêmico de referência na área - desta vez, Miceli volta sua atenção para o modernismo, e para os escritores modernistas de Minas Gerais. A obra busca investigar os relacionamentos e tensionamentos existentes entre as elites intelectuais e políticas em Minas, suas trajetórias familiares, econômicas e sociais. Essa tarefa é cumprida com minúcias no primeiro e no terceiro capítulo. No segundo (e assim se encerra a obra, em três capítulos) o autor trabalha com o modernismo paulista, seus autores e obras.

* Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES). Licenciado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Integra como estudante pesquisador o Grupo de Pesquisa (CNPq) Direitas, História e Memória (CNPq/UFJF/UFF). É membro da equipe editorial da Locus: Revista de História. Tem experiência na área de História Cultural e Intelectual, com destaque para as relações entre História e Literatura, com ênfase em estudos sobre as relações entre autoritarismo e intelectualidade no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. E-mail: lucaseduardoferreira1998@gmail.com.

O primeiro capítulo do livro se chama *Lira mensageira*. Nesse capítulo Miceli faz uma radiografia dos intelectuais modernistas de Minas durante a Primeira República. O capítulo inicia a partir de uma análise bastante densa das questões políticas, culturais e econômicas no estado. Minas Gerais, dirá Miceli logo nas primeiras páginas, não constituía um todo geográfico coerente, tampouco dispunha de efetiva unidade econômica (Miceli 2022, 12). A despeito disso, a elite política mineira dispunha de capital escolar elevado, com percentual superior ao da paulista e da pernambucana no mesmo período. Em Minas, diferentemente de São Paulo, a maior parte da elite tinha formação acadêmica e no funcionalismo público. Por outro lado, carecia de uma elite agrária mais significativa, como havia em São Paulo. Isso já ajuda a entender as relações próximas que terão os intelectuais modernistas mineiros com o poder, primeiro na esfera estadual e posteriormente, com a Revolução de 1930, com o poder federal.¹

O lugar privilegiado pelos intelectuais mineiros para debater ideias, projetos literários e políticos era o Café Estrela, em Belo Horizonte. Eram assim chamados, o “grupo do Estrela”. Os escritores aproveitavam-se dos amigos de proeminência na política e burocracia estadual; já os políticos obtinham legitimação pela aura de bacharéis cultos, apreciadores das letras e das artes (Miceli 2022, 25).² Carlos Drummond de Andrade e Gustavo Capanema simbolizam bem essas relações simbióticas entre as letras e o poder. Miceli chamará tais relações de “clientelistas”, aproveitando o vocabulário caro aos arranjos políticos da Primeira República. Todavia, o autor não discute o conceito de uma forma mais elaborada.

Os requisitos necessários para a ascensão à elite política e cultural no contexto mineiro, os integrantes do grupo Estrela detinham: diploma superior, preferencialmente de direito, prática de profissões liberais em paralelo aos encargos no serviço público e parentes na elite (Miceli 2022, 32). Drummond e Cyro dos Anjos são exceções. Ambos provêm de famílias falidas. Sendo Drummond, diz Miceli, o mais destituído da turma (Miceli 2022, 32). Tinha formação em farmácia, curso desvalorizado na época, e um casamento desvantajoso. Miceli contrapõe, Cyro e Drummond a João Alphonsus de Guimaraes, outro importante intelectual do grupo. Alphonsus vinha de família de importantes escritores brasileiros, com carreiras consolidadas e obras importantes publicadas.

¹ Alguns intelectuais mineiros e cargos ocupados: Abgar Renault, entre 1930 e 1931 é secretário de Francisco Campos, ministro da Educação; em 1931, João Alphonsus, Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade exercem cargos de confiança, os dois primeiros na secretaria de Finanças, e Drummond na secretaria do Interior junto a Capanema; Emílio Moura ficou um tempo como oficial de gabinete de Olegário Maciel (Miceli 2022, 20-21).

² Entre as páginas 28 e 31 está montado um quadro muito relevante, com dados sobre os intelectuais do Estrela. Nele Miceli informa sobre a origem social, capital social e político, formação escolar e carreira de cada um dos intelectuais.

Ainda no primeiro capítulo, após discorrer sobre os intelectuais do Estrela, Miceli trata dos políticos do grupo.³ O perfil é bastante similar. São personagens que se formaram em direito antes dos 25 anos e ingressaram em cargos públicos importantes ainda jovens. Capanema estava quase com 34 anos quando tornou-se Ministro da Educação de Vargas; Gabriel Passos foi eleito à Assembleia Nacional Constituinte aos 32 anos; Mário Casassanta assumiu a reitoria da UFMG com mesma idade. Miceli defende que a promoção precoce do grupo devia-se mais ao cabedal clientelístico que às competências técnicas ou experiência profissional (Miceli 2022, 57).

As duas últimas investidas de Sérgio Miceli no primeiro capítulo são: primeiro, sobre Drummond, sua obra e participação política. Segundo, sobre as relações entre letras e política durante o Estado Novo (1937-1945). Miceli faz uma análise panorâmica das cinco obras poéticas publicadas por Drummond entre 1930 e 1945. São os livros *Alguma Poesia* (1930), *Brejo das Almas* (1934), *Sentimento do Mundo* (1940), *Poesias* (1942, com a coletânea inédita chamada *José*) e *A rosa do povo* (1945). Sendo os três últimos escritos e publicados quando o poeta ocupou o cargo de chefe de gabinete de Gustavo Capanema, no Ministério da Educação. O autor destaca as características gerais de cada uma das obras, chamado atenção para a importância social de Drummond. Miceli chega a dizer que Drummond era “o cabeça” da política cultural oficial no protetorado Capanema (Miceli 2022, 93). Aqui é possível ver um exagero. O autor destaca a importância social do poeta, mas ultrapassa aquilo que sua atuação de fato contava (Ferreira 2022). Há uma relevância central de Drummond no Ministério, o que nenhum estudo sistemático havia destacado, entretanto os ditames centrais são dados por Gustavo Capanema.

Em suma, *Alguma Poesia* traz o coloquialismo na linguagem, influência do modernismo. *Brejo das almas* surge em um momento de crise para Drummond e possui uma linguagem “bizarra”. *Sentimento do Mundo* é a primeira obra de Drummond com caráter social, preocupado com as pessoas comuns, com as guerras (Guerra Civil Espanhola e Segunda Guerra Mundial). *José* trata dos problemas do indivíduo. Já *A rosa do povo* encerra o ciclo de obras sociais de Drummond, como o “clímax de convergência entre a escrita e a práxis do poeta” (Miceli 2022, 92).

A penúltima seção do capítulo 1 trata das letras no Estado Novo. Aborda as instituições culturais do período, as revistas preocupadas com a cultura, os escritores que ocuparam cadeiras na Academia Brasileira de Letras. Uma bibliografia muito rica é usada. Miceli dialoga com os principais autores e obras sobre o tema. As notas de rodapé são riquíssimas. Ele diz que as fontes sobre o modernismo mineiro são de três tipos: estudos de cientistas sociais, textos memorialísticos

³ O autor traz um quadro com os nomes, origem social, capital político e social, formação escolar e carreira, como tinha feito com os intelectuais (2022, 54-55).

e as análises de crítica literária. Pedro Nava, integrante do grupo Estrela, é uma referência central, pelos seus estudos memorialísticos. Drummond e Cyro dos Anjos também deixaram trabalhos de memórias. Miceli discorre sobre as obras da crítica e das ciências sociais, que não cabe aprofundar na presente resenha.

O autor argumenta que a história social, política e intelectual dos modernistas sucedeu no vórtice da crise oligárquica nos estados (Miceli 2022, 130). Esse é o contexto base, fundamental de entendimento. Os rapazes do Estrela estavam rendidos à tutela e à agenda de mentores e recursos governamentais. Moviam-se em um espaço acanhado. Não tinham o mecenato que possuíam os paulistas. Precisavam trabalhar em jornais e na burocracia estadual.

O segundo capítulo do livro é intitulado: *Experiência social e imaginário literário nos livros de estreia dos modernistas em São Paulo*. O que o autor faz nesse capítulo, como nome sugere, é uma análise das obras de estreia dos principais escritores modernistas de São Paulo. Assim mesmo, uma após a outra, um autor após o outro. Inicia com uma biografia de cada um e passa para a análise, muito breve, da obra estreante. Os autores mencionados são Menotti del Picchia⁴, Cassiano Ricardo⁵, Plínio Salgado⁶, Ribeiro Couto⁷, Guilherme de Almeida⁸, Mário de Andrade⁹, Oswald de Andrade.¹⁰ Miceli traz as obras e as imagens de suas capas. Para ele, a feitura do livro era também, no contexto do modernismo, uma forma de dizer. Um argumento central nesse capítulo é a afirmação de que a maioria dos escritores modernistas, em quaisquer etapas de suas trajetórias intelectuais, estava envolvida em atividades políticas que impactaram suas vidas (Miceli 2022, 145).

O último capítulo, chamado *Carne e osso da elite política brasileira pós-1930* é uma tentativa de reconstrução das elites políticas que formarão a UDN e o PSD, fazendo um retorno à Primeira República e avançando o fim do Estado Novo em 1945. Esse capítulo é bastante distinto dos dois primeiros. É praticamente um trabalho de história política. O primeiro capítulo foi sobre as letras e a política em Minas, o modernismo mineiro; o segundo sobre o modernismo paulista. Este último é uma profunda análise das composições e articulações entre os políticos udenistas e pessedistas, suas características econômicas e sociais, mandatos e interesses.

Miceli parte da composição pessedista e udenista na Constituinte de 1946. Há um percentual altíssimo de integrantes dos dois partidos. A UDN consegue um equilíbrio entre

⁴ *Poemas do vício e da virtude* (1913).

⁵ *Dentro da noite* (1915).

⁶ *Thabór* (1919).

⁷ *O jardim das confidências* (1921).

⁸ *Nós* (1917).

⁹ *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917).

¹⁰ *Os condenados* (1922).

representantes dos setores agrários e bacharéis ilustres dos principais centros urbanos. O PSD logrou uma colaboração maciça da liderança industrial emergente. O autor traz um quadro interessante sobre o perfil dos políticos dos partidos, levando em conta a geração, a carreira política e profissional (Miceli 2022, 190-191). Os quadros da UDN eram fortalecidos pelo seu número expressivo de profissionais liberais na ativa, de professores catedráticos de ensino superior. Já os possedistas retiram força das interventorias. Muitos foram interventores e tinham as máquinas estatais nas mãos.

Nos subcapítulos seguintes Miceli dedica separadamente uma análise para cada partido e suas composições políticas. Propõe um aprofundamento analítico maior nos personagens. Como tinha feito no segundo capítulo, com os modernistas paulistas, Miceli agora dedica boas páginas para tratar de alguns políticos fundamentais, de ambos partidos. Começando pelo PSD, o autor trata, por exemplo da biografia e carreira política de Etelvino Lins de Albuquerque, Juscelino Kubitschek e de Victorino Freire. Junto com as biografias, Miceli expõe mapas, gráficos, com linhagens familiares e genealogias.

Depois é a vez do pessoal da UDN, nos aspectos de tradição familiar e política. Muitos estavam inseridos em posições de cúpula em instituições financeiras privadas, em cargos executivos de grandes empresas, em postos prestigiosos de serviços públicos. Eram de famílias ilustres, cujo espaço na classe dirigente remontava, em muitos casos, ao Império (Miceli 2022, 229). A maioria começa sua carreira pelo exercício da advocacia em cidades do interior, de preferência em redutos eleitorais da família ou de chefes políticos aos quais estavam ligados.¹¹

O objetivo central nesse capítulo, defende Miceli, é restituir o perfil econômico e social dos setores dirigentes, mentores de organizações partidárias que tiveram proeminência no contexto posterior ao fim do Estado Novo. Em ambos os partidos, houve laços com os militares. Ambos contribuíram para dar fôlego ao protagonismo crescente da corporação na arena política.

O trabalho de Sergio Miceli vem para suprir algumas demandas importantes. O destaque para a cena mineira no modernismo brasileiro contribui para o debate sobre o que foi o modernismo. Já sabemos bem hoje que a experiência modernista não se resume à Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, sem desconsiderar, é claro, o papel central do movimento paulista. A linguagem usada pelo autor é, por vezes, difícil de compreender. Como o leitor desta resenha pôde perceber, há um corte bastante abrupto entre os capítulos e a proposta do livro, como trazida no título. É necessário o olhar mais cuidadoso para conectar as três dimensões: o modernismo

¹¹ Um quadro interessante sobre essa “ala bacharelesca” da UDN se encontra nas páginas 232 e 235. Está em destaque alguns personagens políticos, formação, casamento, família e atividade profissionais.

mineiro, o paulista e a política. Ambos estão conectados, deveras. Principalmente os dois primeiros. Miceli articula muito bem as comparações entre o movimento e os personagens em Minas com os paulistas.

A riqueza de referências bibliográficas, de obras acadêmicas e de obras de autores modernistas é um prato cheio para quem é pesquisador do tema. As análises das obras modernistas, até por conta do volume gigantesco e da proposta do livro, não são aprofundadas. Fica como proposições, para pesquisas futuras adentrarem no conteúdo mais íntimo desses textos tão importantes para compreensão do modernismo no Brasil.

Talvez a principal contribuição dessa obra seja dada pela conexão que estabelece entre o mundo da política e o mundo das letras. Essa aproximação nem sempre é fácil e nem sempre é desejada. De um lado, temos a crítica literária, nas suas inúmeras vertentes, preocupada com exegeses textuais, com sentidos e significados íntimos das obras. De outro, uma sociologia ou uma historiografia que não se preocupa com a literatura, ou que a trata como fonte de menor importância. Miceli com este livro, sem fugir do seu estilo já consagrado, amarra com substância, as condições econômicas, as lutas políticas, regionais e nacionais, às trajetórias literárias, familiares, econômicas, sociais e políticas dos intelectuais nas Minas Gerais e em São Paulo.

O resultado é um livro que chega como uma referência fundamental. Seja pelos argumentos que mobiliza, seja pelo riquíssimo levantamento bibliográfico e de fontes que faz. É referência forte para os estudos sobre o modernismo em Minas Gerais, sobre o vínculo entre a intelectualidade mineira e os organismos burocráticos e de poder no estado. Sobre os primeiros passos do modernismo em São Paulo, sobre seus autores centrais e suas obras de estreia, que nem sempre são levadas em conta. Por fim, a obra é uma referência para aqueles que estudam as carreiras políticas de personagens importantes da política nacional, vinculados ao PSD ou à UDN, dois partidos basilares no jogo de poder entre 1945-1964 no Brasil.

Referências bibliográficas:

Ferreira, Lucas Eduardo de Souza. “*O poeta em seu gabinete: a poesia de Carlos Drummond de Andrade no Ministério da Educação*”. Dissertação, Juiz de Fora, UFJF, 2022.

Miceli, Sergio. *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro*. São Paulo: Todavia, 2022.

Recebida: 21 de fevereiro de 2023

Aprovada: 30 de abril de 2023